

Uma breve incursão pela produção escrita de “Gonzaga Duque” no Brasil dos séculos XIX e XX: a edição das suas cartas pessoais

José Ferreira Filho¹ 

E-mail: mestrado1ufmg@gmail.com

Márcia Cristina de Brito Rumeu¹ 

E-mail: mrumeu@ufmg.br

¹Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, BH, Brasil.

RESUMO

Neste artigo, trazemos à cena parte da produção escrita de “Luiz Gonzaga Duque Estrada” que, além das suas atividades como crítico de arte, literato, jornalista e escritor, redator com um amplo domínio dos modelos de escrita, que circulou pelo Rio de Janeiro e por Portugal, deixando registradas, através de suas cartas pessoais, as suas impressões humanas mais íntimas, ao dialogar com noiva (e, na sequência, esposa), familiares e amigos. Ilustramos a sua produção escrita a partir da apresentação da edição fac-similar e semidiplomática (Spina, 1977) de uma de suas cartas pessoais trocadas em fins do século XIX. De um modo geral, buscamos identificar e comprovar, através da *autenticidade* da amostra (Hernández-Campoy; Schilling, 2012) de cartas originais e autógrafas de Gonzaga Duque, traços de norma objetiva (Cunha, 1985) do português brasileiro.

Palavras-chave:

Sociolinguística Histórica. *Autenticidade* das fontes históricas. Cartas oitocentistas e novecentistas. Português Brasileiro. Gonzaga Duque.

Editores-chefes

Marcus Dores
Célia Lopes

Recebido: 22/12/2023

Aceito: 26/04/2024

Como citar:

FERREIRA FILHO, J.;
RUMEU, M.C. B. Título
do artigo. Revista
LaborHistórico, v.10,
n.2, e62418, 2024. doi:
[https://doi.org/10.24206/
lh.v10i2.62418](https://doi.org/10.24206/lh.v10i2.62418)

Considerações iniciais

Neste artigo, trazemos à cena as cartas de “Luiz Gonzaga Duque Estrada” (amplamente conhecido como “Gonzaga Duque”, doravante GD) organizadas e editadas por Ferreira Filho (2023). Temos em análise a produção escrita de um redator brasileiro cujo perfil social é o de um habilidoso crítico de arte, jornalista e escritor, principalmente entre fins do século XIX e o início do século XX, o que permite entendê-lo como um “homem de letras”, em conformidade com a perspectiva de Fonseca (2015, p. 42).

No processo de levantamento e de seleção das fontes históricas, deixamo-nos conduzir, em termos teórico-metodológicos, por questões da sociolinguística histórica tais como a *autoria*, a *autenticidade* e a *validade social e histórica* de fontes manuscritas do português brasileiro (Hernández-Campoy; Schilling, 2012), à luz de Rumeu *et al.* (2019); Lima; Marcotulio; Rumeu (2019). Neste texto, voltamo-nos, mais detidamente, à potencialidade das cartas de GD como fontes históricas que podem embasar os estudos sobre o português brasileiro (doravante PB) escrito em sincronias passadas (1884-1909).

A preferência por edições conservadoras em essência (Spina, 1977; Faria; Pericão, 2008) está justificada no objetivo maior de embasar futuros estudos linguísticos acerca de fenômenos variáveis do PB em sua expressão escrita dos séculos XIX e XX. A opção pelo conservadorismo da edição de fontes históricas está consubstanciada também no fato de o fac-símile ao lado da sua transcrição (edição fac-similar) poder conduzir o leitor, de modo não só a comparar a transcrição justalinear do código escrito (letra) no suporte em relação ao manuscrito em si (edição semidiplomática), mas também a acompanhar as opções linguístico-textuais desse redator nascido na realidade do PB oitocentista.

Este texto está estruturado em quatro seções. Nas considerações iniciais, temos a exposição do tema deste artigo voltado à apresentação da edição fac-similar e semidiplomática de cartas pessoais oitocentistas e novecentistas de GD. Inicialmente, descrevemos o perfil social do redator das cartas pessoais de GD, tendo em vista a sua ampla atuação como um legítimo “homem de letras”, nos termos de Fonseca (2015, p. 42), entre fins do século XIX e o início do século XX. A seguir, passamos à apresentação do trabalho com fontes histórica do PB, voltando o foco especificamente à *autenticidade* das cartas pessoais em análise a partir da proposta de Hernández-Campoy; Schilling (2012). Na sequência, apresentamos as normas de edição de fontes históricas tais como as cartas manuscritas em foco neste texto. Por fim, ilustramos não só o conjunto de cartas editadas por Ferreira Filho (2023) a partir da edição fac-similar e semidiplomática de uma única carta pessoal oitocentista, mas também alcançamos as considerações finais deste artigo texto, seguidas das referências bibliográficas.

Gonzaga Duque: o perfil social de um missivista culto brasileiro

Para o redator GD, temos muito mais rastros das suas atuações profissionais como crítico de arte, jornalista e escritor, restando-nos poucas informações acerca da sua vida pessoal (Espindola, 2009, p. 14). Assim sendo, temos evidências de se tratar de um redator nascido no Rio de Janeiro, no início da 2ª metade do século XIX (21.06.1863), e falecido também na cidade do Rio de Janeiro, no 1º quartel do século XX (08.03.1911), cf. Vermeersch (2002, p. 19). A história de vida de GD o revela como filho de “Luísa Duque Estrada” e de pai estrangeiro, tendo sido registrado pela sua mãe e pelo seu padrasto “Joaquim da Rosa”, cf. Fonseca (2015, p. 37) e Pessanha (2008, p.15). No que diz respeito ao seu nível de escolarização, contamos, à luz de Iannone (1973), ao fazer referência à obra *Mocidade Morta*, com as referências às instituições de ensino pelas quais GD passou no Rio de Janeiro (Iannone, 1973 *apud* Fonseca, 2015, p. 37-38).

Após os primeiros estudos, Gonzaga Duque ingressou no Colégio Abílio, um dos mais importantes estabelecimentos de ensino da época, no Rio de Janeiro. Mais tarde, transferiu-se para o Colégio Meneses Vieira, também em sua cidade natal. Concluiu, porém, o curso secundário em Petrópolis, no Colégio Paixão, e tudo indica que Gonzaga Duque não seguiu os estudos superiores. (Iannone, 1973, p. 9)

Ainda que não tenhamos evidências da comprovação da conclusão de um Curso Superior (Fonseca, 2015, p. 38), temos, em GD, um redator experiente em relação à sua prática e, conseqüentemente, domínio dos modelos de escrita, o que está comprovado não só no fato de ele ter fundado, em 1880, o periódico *Guanabara*, cf. Fonseca (2015, p. 38), mas também nas suas variadas contribuições aos periódicos brasileiros, chegando também a escrever ¹livros. Considerando que as análises no

¹ Em 1880, fundou o periódico *O Guanabara*; em 1882, participou dos periódicos *A Gazetinha e Gazeta da Tarde*; em 1885, iniciou um romance *O Tio Lotérico*, que não veio à publicação; em 1887, atuou como crítico de arte no periódico *A Semana* como “Alfredo Palheta” (pseudônimo). Em 1888, publicou o livro *A Arte Brasileira*; em 1889, participou do periódico *Folha Popular*; em 1894, participou do periódico *Os Novos*, publicou o livro *A dona de casa*, de “Sylvino Júnior” (pseudônimo); em 1895, fundou o periódico *Rio-Revista*, atuando nos periódicos *Thebaida e Decálogo dos Novos*. Em 1897, fundou o periódico *Galáxia*; em 1898, publicou o livro *Revoluções Brasileiras* sob o apelido boêmio de *Insubmissos*, esteve vinculado aos Simbolistas no Rio de Janeiro, correspondendo-se também com Cruz e Souza, o que o fez seu amigo. Em 1899, publicou o livro *Mocidade Morta*; em 1900, publicou a obra *Marechal Niemeyer* (ensaio biográfico). Iniciou a redação da obra *Sangravida* (romance), iniciou *Meu jornal* (diário); em 1901, fundou o periódico *Mercurio*; em 1904, iniciou a sua participação como crítico de arte e cronista do periódico *kosmos*; em 1905, publicou a 2ª edição do livro *Revoluções Brasileiras*; em 1909, fundou o periódico

âmbito da sociolinguística histórica prezam por encaminhar a discussão também a partir do controle da variável extralinguística “escolarização”, justificamos a relevância de tais informações ao processo de reconstrução do perfil social do informante.

Aos 22 anos, GD casou-se com Julia Torres Duque Estrada, mais precisamente, em 15 de agosto de 1885. Desse matrimônio, nasceram quatro filhos. São eles: Dinorah, Haroldo, Lygia e Oswaldo. Enquanto Dinorah veio a falecer vitimada pela febre amarela, cf. Fonseca (2015, p. 39), Lygia, por outro lado, teve a oportunidade de dar-lhe uma neta, Maryssol, que, anos depois, doou o seu acervo à Fundação Casa de Rui Barbosa (Vermeersch, 2002, p. 19) onde pode ser presencialmente consultado, além de também estar disponibilizado ²*on-line*. Um outro acontecimento importante na vida de GD é o falecimento do seu filho Haroldo, aos onze anos, em 1902, “vítima de complicações devido a um ferimento ocorrido durante uma travessura”, cf. Fonseca (2015, p. 39). A fragilidade da saúde do redator em questão é também relatada por Fonseca (2015, p. 45) que nos esclarece que GD “sofreu com vários problemas de saúde, dentre eles a catarata, que muito lhe atrapalhara a vida profissional”. Em 08 de março de 1911, GD falece, vítima de infarto fulminante, enquanto voltava da redação do periódico *Fon-Fon*.

Como expusemos, ainda que brevemente, os perfis biográfico e profissional de GD, passamos à descrição da *autenticidade* das fontes linguísticas em análise (cartas pessoais) redigidas por um informante brasileiro, em sincronias passadas, mais especificamente, entre os anos de 1884-1909.

As cartas pessoais de Gonzaga Duque: a autenticidade das fontes históricas

Neste texto, trazemos à discussão o trabalho de edição das cartas pessoais de GD cujos originais escritos e assinados pelo punho do redator em questão encontram-se no Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro. Ao assumirmos que voltamos o foco à edição de fontes históricas do PB, embasamo-nos no fato de que temos, em análise, cartas pessoais escritas e assinadas por um punho legitimamente brasileiro nas eras oitocentista e novecentista do português em terras d’aquém-mar.

Considerando o fato de que nos envolvemos com os processos de levantamento, de seleção e de edição de fontes históricas que se prestem aos estudos linguísticos, entendemos, à luz de Bergs (2005), que ³“a sociolinguística histórica é uma subdisciplina

dico *Fon-Fon*; em 1910, tornou-se Diretor da Biblioteca Municipal, publicou *Graves e Frívolos*; em 1914, teve publicada postumamente a sua obra *Horto de Mágoas*; em 1929, teve publicada postumamente a sua obra *Contemporâneos*.

² <https://www.docvirt.com/DocReader.net/DocReader.aspx?bib=GonzagaDuque&pagfis=1570>

³ Instead, historical sociolinguistics must be bold enough to loosen its ties with present-day sociolinguistics and traditional historical linguistics, and to develop its own methodologies, aims, and theories. (Bergs, 2005, p. 21.)

que tem potencial próprio e deveria desenvolver seus próprios objetivos, metodologias e teorias, divorciada da sociolinguística atual, por um lado, e da linguística histórica, por outro.” (Bergs, 2005, p. 21). Nesse sentido, o trabalho de reconstrução da história das línguas humanas é conduzido pelo levantamento de amostras de língua escrita, o que, por vezes, pode levar o linguista-pesquisador a enfrentar as possíveis evidências de *hipercorreção*, *mistura dialetal* e “erros” do escriba (Labov, 1994, p. 11) que, por sua vez, poderiam nos confundir em relação à detecção dos traços genuinamente vernaculares do PB. Assim sendo, ao interessarmo-nos pelo processo de constituição de amostras linguísticas de sincronias passadas, deparamo-nos, por vezes, não só com as fontes ⁴“fragmentárias, escassas e dificilmente vinculáveis à produção real de seus falantes”, cf. Conde Silvestre (2007, p. 35), mas também com o “problema dos filtros” (Romaine, 1982 [2010]).

Em relação ao fato de as fontes históricas serem, em essência, escassas e fragmentárias, trazemos à cena a percepção de Labov de que as análises linguísticas voltadas ao passado das línguas humanas mostram-se como ⁵“a arte de fazer o melhor uso de maus dados.” (Labov, 1994, p. 11). Nesse sentido, cabe ao linguista-pesquisador fazer bons usos dos dados linguísticos de sincronias passadas que lhes chegaram às mãos, através dos textos, até mesmo “incompletos” em algum grau, como evidência daquilo que sobreviveu, no interior dos acervos públicos e privados, à força do tempo.

Considerando não ser possível transferir diretamente o método de trabalho variacionista de orientação laboviana naturalmente aplicado (e aplicável) aos dados de sincronias recentes (língua falada) aos dados de sincronias passadas, voltamo-nos à discussão do “problema dos filtros”. Cabe ao linguista-pesquisador, interessado no processo de reconstrução da história das línguas, aumentar consideravelmente a sua atenção em relação aos traços da língua oral que podem se misturar aos traços específicos de língua escrita (Aguillar, 1998). Isso quer dizer que ainda que estejamos em busca de ⁶textos históricos que nos aproximem de traços da espontaneidade da

⁴ “En comparación con la diversidad, cantidad y autenticidad de los datos a disposición del investigador en sociolingüística sincrónica o en lingüística descriptiva, la información de que dispone quien intenta desarrollar su investigación en el ámbito de la lingüística o la sociolingüística histórica es fragmentaria, escasa y difícilmente vinculable con la producción real de sus hablantes.” (Conde Silvestre, 2007, p. 35.)

⁵ “Historical linguistics can then be thought of as the art of making the best use of bad data.” (Labov, 1994, p. 11.).

⁶ Considerando a composição de *corpora* históricos diversificados, observamos, sobretudo no âmbito do PB escrito oitocentista, algumas interessantes pesquisas linguísticas. Dentre elas, temos em cena os seguintes aspectos linguísticos:

- A questão do sujeito nulo é amplamente discutida com base em amostras históricas de distintos gêneros textuais tais como jornais mineiros (Gravina, 2008), peças de teatro cariocas (Duarte *et al.* 2012), jornais e cartas de leitores de várias regiões do Brasil (Duarte, 2018), cf. abordado por Galves (2020);

fala, temos, por outro lado, de atentarmos à correta seleção entre o que pode ser expressão vernacular do PB e o que pode evidenciar as especificidades linguísticas da tradição discursiva em questão (cartas pessoais).

Assim sendo, buscamos valer-mos do ⁷“conjunto de procedimentos para a reconstrução da língua em seu contexto social” (Romaine, 1988, p. 1453 *apud* Hernández-Campoy; Schilling, 2012, p. 66), voltando-nos, no caso do conjunto de cartas pessoais em análise, ao resgate da história de vida e do perfil social e profissional de GD. A ideia é manter-mos conscientes de que a ⁸incompletude dos registros escritos não nos conduzem definitivamente à expressão da língua falada de sincronias passadas (Hernández-Campoy; Schilling, 2012), mas nos podem revelar evidências do vernáculo do PB. Isso posto, encaminhamo-nos, à luz de Hernández-Campoy; Schilling (2012), especificamente pela descrição da *autenticidade* da amostra, uma vez que trazemos à análise um conjunto de cartas pessoais e autógrafas produzidas por um redator brasileiro, em fins do século XIX e no início do século XX.

A *autenticidade* das fontes históricas é uma outra questão relevante aos estudos linguísticos de sincronias passadas. A *autenticidade* de uma dada fonte histórica está licenciada pelo quão se consegue depreender o vernáculo perpassando pelo “filtro” da língua escrita, em sincronias passadas (Hernández-Campoy; Schilling, 2012). Assim sendo, é importante esclarecermos que nos utilizamos do item lexical “autenticidade” em relação à possibilidade de depreensão do vernáculo do PB oitocentista e novecentista através das cartas pessoais de GD.

Na busca por fontes autênticas, buscamos entrever possíveis evidências do redator GD através da sua produção escrita mais íntima, orientada não só pelas orientações da norma-padrão em todos os seus textos escritos (ainda que em distintos níveis), mas também por aquilo que é formulaico no gênero textual “carta pessoal”. Acrescentemos ainda o fato de que GD é um redator culto, engajado na dinâmica

-
- A perda do clítico de acusativo de 3ª pessoa em favor do objeto nulo são fenômenos linguísticos intensamente já estudados com base, por exemplo, em peças de teatro (CYRINO, 1993) e em jornais mineiros (Macedo Costa 2012), como descrito por Galves (2020);
 - O *ter existencial* é discutido por Avelar (2018) com base nos *anúncios oitocentistas* brasileiros e por Duarte *et al.* (2012) com base nas peças de teatro do século XIX;
 - A fixação da ordem SV na história do PB foi revisitada por Cavalcante (2018) em análise embasada em cartas familiares, cf. Galves (2020).

⁷ Methodologically, “the main task of socio - historical linguistics is to develop a set of procedures for the reconstruction of language in its social context, and to use the findings of sociolinguistics as controls on the process of reconstruction and as a means of informing theories of change ” (Hernández-Campoy; Schilling, 2012, p. 66)

⁸ The most important disadvantage of data sets of historical documents is that they very often lack representativeness and possibly also validity, since, as noted above, the historical record is incomplete, and written materials may or may not be reflective of the spoken language of the time period under study. (Hernández-Campoy; Schilling, 2012, p. 66)

da leitura e da escrita, o que está consubstanciado em sua produção intelectual, marcada por suas atuações como crítico de arte e jornalista. Para exemplificarmos evidências da norma de uso (Cunha, 1985) do PB, observemos, através dos excertos das cartas, através das figuras⁹ 1 e 2, respectivamente, o uso da ênclise em contexto de partícula atrativa que sustentaria, na perspectiva da norma-padrão, a próclise¹⁰ (“o qual trouxe-me um convite” no lugar de “o qual me trouxe um convite”) e a ausência de concordância verbal (“6 sacos ahi será entregue até sexta feira” no lugar de “6 sacos ahi serão entregues até sexta feira”) em contexto de sentença passiva com um sujeito [+ afetado] e, portanto, [- agentivo].

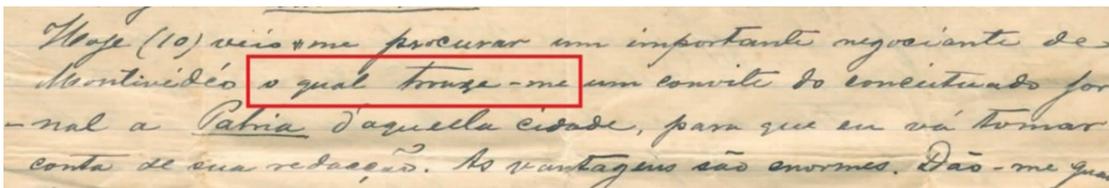


Figura 1. Carta de GD. Botafogo, 10.11.1884. (C3)

“[...] Hoje (10) veio me procurar um importante negociante de | Montevidéo **o qual trouxe-me** um convite do conceituado jornal a Patria d’aquella cidade, para que eu vá tomar | conta de sua redacção. [...]” [GD. Botafogo, 10.11.1884. (C3)]

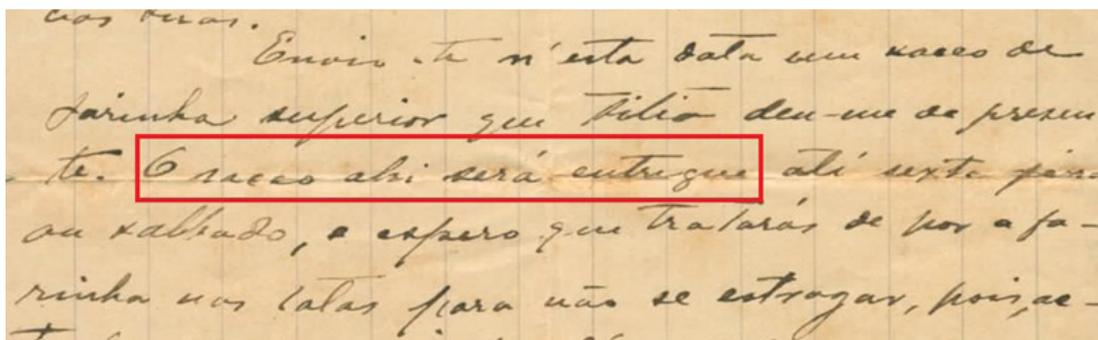


Figura 2 .Carta de GD. F. do Porto Grande, 05.02.1889. (C13)

“[...] **6 sacos ahi será entregue** até sexta feira | ou sabbado, e espero que tratarás de por a fa- | rinha nas latas para não se estragar [...]” [GD. F. do Porto Grande, 05.02.1889. (C13)]

⁹ Optamos por apresentar, em negrito, todos os dados linguísticos identificados, neste texto, através dos excertos expostos de (1) a (9).

¹⁰ Segundo Galves (2020, p. 25), “a próclise ao verbo em início absoluto de sentença aparece nos textos mais próximos da oralidade, como cartas pessoais, peças de teatro, anúncios de jornais, atas de reuniões”, no decorrer do século XIX.” Amparada nos resultados de diversificadas análises linguísticas embasadas em amostras históricas (Pagotto, 1992; Carneiro e Galves, 2010; Martins, 2018; Galves e Lobo, 2019), Galves (2020, p. 25) nos diz que, na 2ª metade do séc. XIX, “verifica-se um aumento generalizado do uso da *ênclise*, que produz uma variação *próclise/ênclise* em todos os contextos sintáticos, em contraste com o padrão clássico em que tal variação estava circunscrita às orações declarativas matrizes.”

Observamos ainda, com base na análise das imagens 3 e 4, mais evidências da norma objetiva do PB (Cunha, 1985) expressas a partir do uso de “aonde” no lugar de “onde” (advérbio relativo). No caso em análise, o “aonde” está na retomada de SNs locativos (“a casa de Dona Lalinha” e “a Lagoa Nôva”), o que dispensa a preposição “a” em função das regência dos verbos “estar” (“[...] a casa de Dona Lalinha onde estive”) e “ter” (“[...] porque motivo não vinha para a Lagoa Nova, onde teria todas as commodidades”).

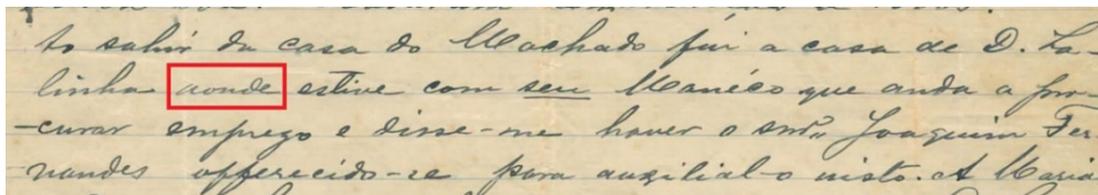


Figura 3. Carta de GD. Botafogo, 10.11.1884. (C3)

“[...] Ao sahir da casa do Machado fui a casa de Dona La- | linha **aonde** estive com seu Manéco que anda a pro- | -curar emprego e disse-me haver o *senhor* Joaquim Fer- | nandes offerecido-se para auxiliá-lo nisto. [...]” [GD. Botafogo, 10.11.1884. (C3)]

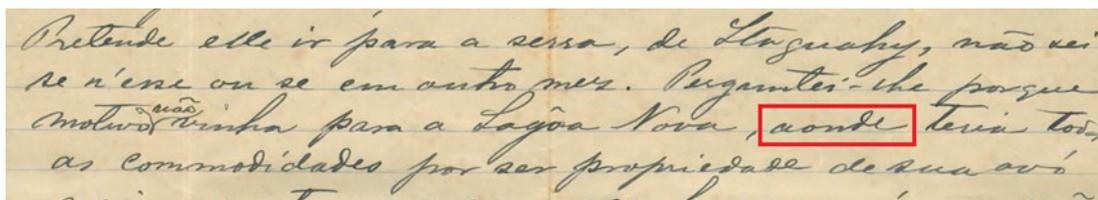


Figura 4. Carta de GD. Botafogo, 10.11.1884. (C3)

“[...] Pretende elle ir para a serra, de Itaguahy, não sei | se n’esse ou se em outro mez. Perguntei-lhe porque | motivo <↑ não> vinha para a Lagoa Nova, **aonde** teria todas | as commodidades por ser propriedade de sua avó [...]” [GD. Botafogo, 10.11.1884. (C3)]

Atentemos ainda aos usos não só de *tu* e *você* (imagem 5), mas também do futuro simples e do futuro perifrástico (imagens 6 e 7), respectivamente. Nesses casos, temos evidências do *você* em convivência com o *tu* e do futuro simples (“mandarei”) em coexistência com a perífrase verbal (“vou mandar”). Trata-se de traços linguísticos que se mostram (os usos do *você* e do futuro perifrástico (“ir + infinitivo”)), no século XIX, como expressão do PB atual, cf. Lopes; Machado (2005); Oliveira; Olinda (2008); Oliveira (2022).

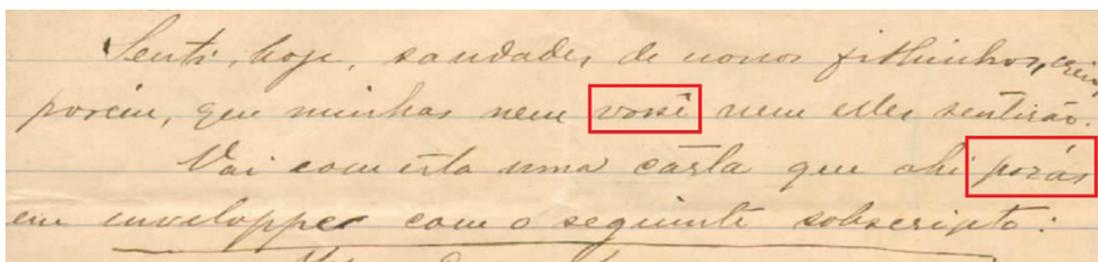


Figura 5. Carta de GD. Porto Grande, 04.01.1889. (C11)

“[...] Senti, hoje, saudades de nossos filhinhos, creio, | porém, que minhas nem **vossê** nem eles sentirão. | Vai com esta uma carta que ahi **porás** | em envelopes com o seguinte subscripto [...]” [GD. Porto Grande, 04.01.1889, (C11)]

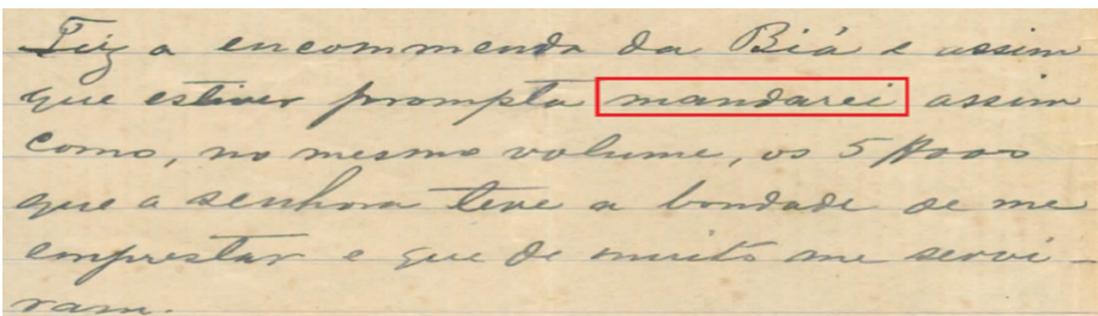


Figura 6. Carta de GD. Botafogo, 08.11.1884. (C2)

“[...] Fiz a encomenda da Biá e assim | que estiver prompta **mandarei** assim | como no mesmo volume, os 5\$000 | que a senhora teve a bondade de me | emprestar e que de muito me servi- | ram. [...]” [GD. Botafogo, 08.11.1884. (C2)]

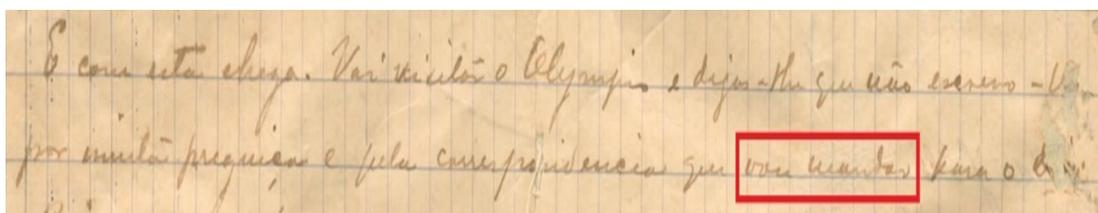


Figura 7. Carta de GD. Lisboa, 06.07.1889. (C16)

“[...] E com esta chega. Vai visitar o Olympio e digas-lhe que não escrevo-[lbe] | por muita preguiça e pela correspondencia que **vou mandar** para o [illegível].” [GD. Lisboa, 06.07.1889. C16]

No âmbito semântico-lexical, observarmos “filar o almoço” (imagem 8) e ¹¹ “dar um pulo” (imagem 9) como evidências da informalidade do colóquio na expressão escrita oitocentista de GD. A expressão “dar um pulo” está dicionarizada em (Rocha; Rocha, 2012, p. 140), ao passo que “filar X” não está, mas temos a referência à expressão ¹²“pegar a boia” que parece ¹³parafrasear a ideia de GD.

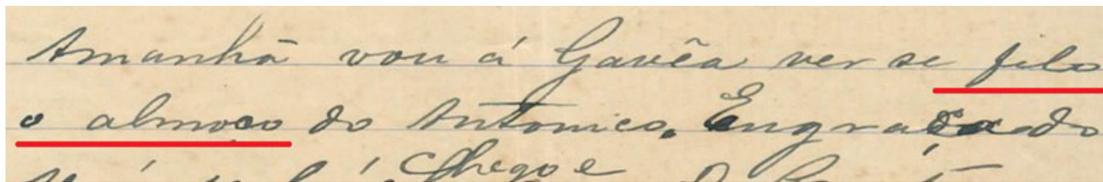


Figura 8. Carta de GD. Botafogo, 08.11.1884. (C2)

“[...] Amanhã vou á Gavêa ver se **filo** | **o almoço** do Antonico. [...]” [GD. Botafogo, 08.11.1884. (C2)]

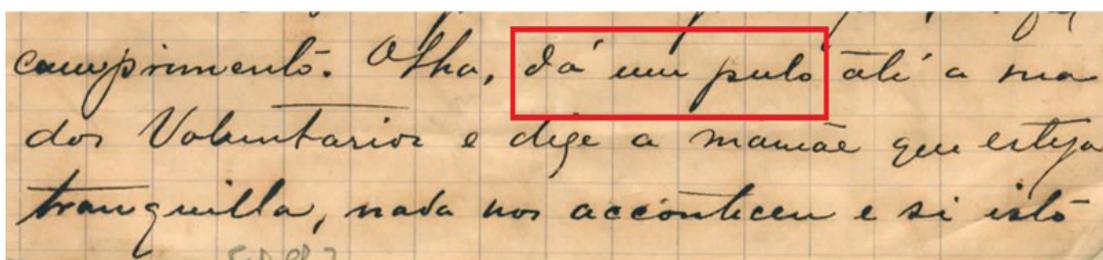


Figura 9. Carta de GD. Lisboa, 09.08.1889. (C18)

“[...] Olha, **dá um pulo** até a rua | dos Voluntarios e dize a mãmae que esteja | tranquilla, nada nos aconteceu e si isto [...]” [GD. Lisboa, 09.08.1889. (C18)]

Uma vez comprovada a *autenticidade* das cartas de GD como fontes históricas do PB, ilustradas através dos fac-símiles expostos de (1) a (9), passamos à apresentação das normas de transcrição de fontes históricas, inspiradas, por sua vez, nas normas de edição do Projeto “Para uma História do Português Brasileiro” (Rumeu; Souza, 2019, p. 369; Santos; Rumeu, 2019; Rumeu, 2013).

¹¹ “**dar um pulo** (a) Ir a (algum lugar), voltando logo em seguida; dar um salto a; dar um saltinho a. Var. “dar um pul(inh)o logo ali”. (Rocha; Rocha, 2012, p. 140.)

¹² “**pegar a boia** Ir tomar a refeição.” (Rocha; Rocha, 2012, p. 354.)

¹³ Para a análise das unidades complexas do léxico, sugerimos a discussão proposta por Biderman (2005).

Normas de transcrição de manuscritos históricos

1. A transcrição deve ser conservadora.
2. As abreviaturas devem ser desenvolvidas na transcrição, revelando-se, em itálico, as letras omitidas, à luz dos seguintes critérios específicos:
 - a. A norma se aplica também às abreviaturas hoje em uso corrente ou fixadas em dicionários. Exemplos: “etc.”, “Sr.”, “Sra.”, “Ltda.”, “Cia”, “V. Ex.” e “D.”;
 - b. Busca-se respeitar a grafia do documento, ainda que manifeste idiosincrasias ortográficas do escriba, como no caso da ocorrência “munto”, que leva a abreviatura “m.to” a ser transcrita “munto”.
3. Não será estabelecida fronteira vocabular entre palavras que venham escritas juntas, nem se introduzirá hífen ou apóstrofo onde não houver. Exemplos: “epor” “ser”; “aellas”; “daPiedade”; “omninino”; “dosertaó”; “mostrandoselhe”; “achandose”; “sesegue”.
4. A pontuação original será mantida. No caso de espaço maior intervalar deixado pelo escriba será marcado [espaço]. Serão observados dois casos especiais:
 - a. Em relação aos trechos que demandem maior esforço para decodificação, seja pela ausência de sinais de pontuação, seja por estarem sob sistema diverso, o editor pode incluir, em nota de rodapé, uma possível interpretação;
 - b. A sinalização [espaço] não se aplica aos espaços em cabeçalhos, adentramentos de parágrafo, títulos e/ou rótulos de seções de periódicos, fórmulas de saudação/encerramento ou na reprodução de diálogos, devendo o editor estabelecer o intervalo conforme o original.
5. A acentuação original deve ser rigorosamente mantida.
6. Será respeitado o emprego de maiúsculas e minúsculas como se apresentam no original.
7. Eventuais erros do escriba ou do copista serão remetidos para nota de rodapé, onde se deixará registrada a lição por sua respectiva correção.
8. Inserções do escriba ou do copista, para não conferir à mancha gráfica um aspecto demasiado denso, obedecem aos seguintes critérios:
 - a. (a) Se na entrelinha do documento original, entram na edição em alinhamento normal e entre os sinais: < >; <↑>, se na entrelinha superior; <↓>, se na entrelinha inferior;
 - a. (b) Se nas margens superior, laterais ou inferior, entram na edição entre os sinais < >, na localização indicada.
9. Supressões feitas pelo escriba ou pelo copista no original serão tachadas.
10. Intervenções de terceiros no documento original devem ser transcritos entre os sinais < >, podendo aparecer em nota de rodapé, informando-se a sua localização.

11. Intervenções do editor hão de ser raríssimas, permitindo-se apenas em caso de extrema necessidade, desde que elucidativas a ponto de não deixarem margem à dúvida. Quando ocorrerem, devem vir entre colchetes e em itálico.
12. Letra ou palavra(s) não legíveis por deterioração ou rasura justificam intervenção do editor com a indicação entre colchetes conforme o caso: [.] para letras, [ilegível] para vocábulos e [ilegível. + n linhas] para a extensão de trechos maiores.
13. Letra ou palavra(s) simplesmente não decifradas, sem deterioração do suporte, justificam intervenção do editor com a indicação entre colchetes conforme o caso: [?] para letras, [inint.] para vocábulos e [inint. + n linhas] para a extensão de trechos maiores. Exemplos: “É assim pe[?]r.”; “É assim [inint.] em Java”; “É assim [inint. + 2 linhas] em Havana.
14. Para a dúvida acerca da decifração de algum grafema ou segmento de um determinado vocábulo, deve-se apresentá-lo em itálico e entre colchetes. Exemplo: ent[re]gue ou [rapaz].
15. A mudança de fólio ou página receberá a marcação entre colchetes conforme o caso:
 - a. Em documentos manuscritos, com o respectivo número e indicação de frente ou verso. Exemplos: [fól. 1r]; [fól. 1v]; [fól. 2r]; [fól. 2v]; [fól. 3r]; [fól. 3v]; [fól. 16r];
 - b. Em documentos manuscritos, impressos ou datilografados, a indicação de página será expressa da seguinte forma: [p. 1]; [p. 2]; [p. 3]; [p. 19];
16. Na transcrição, as linhas serão numeradas de cinco em cinco a partir da quinta à margem direita da mancha, à esquerda do leitor.
17. Os sinais públicos, diferentemente das assinaturas e rubricas simples, serão sublinhados e indicados entre colchetes. Exemplos: assinatura simples, Bernardo Jose de Lorena; sinal público, [Bernardo Jose de Lorena].
18. Informações que o editor julgar significativas sobre a diagramação e *layout* do texto em impressos devem aparecer em nota de rodapé.
19. Os excertos que se fizerem acompanhar das suas respectivas transcrições evidenciam, através de uma barra na vertical < | >, a mudança de linhas e duas barras, a mudança de parágrafo < || >.

Uma vez expostas as normas de edição das cartas pessoais em análise, passamos à apresentação sintética das missivas pessoais (amorosa, familiar e de amizade) de GD. No contexto de vinte e seis (26) cartas pessoais, temos dezesseis (16) cartas amorosas de GD para a sua esposa Julia (¹⁴“Julia Guimarães Torres”). Em seis (6) cartas familiares, o redator carioca trava contato com a sua sogra (“Maria Amália

¹⁴ GD e Julia casam-se em 15 de agosto de 1885, cf. Fonseca (2015, p. 38)

Guimarães Torres” (D. Mariquinhas)), em mais uma carta, escreve à cunhada Judith (1) e, em mais uma carta (1), volta-se ao seu filho Oswaldo. No que se refere às cartas de amizade, temos tão somente duas (2): uma (1) destinada a um compadre e amigo não identificado e outra, ao amigo Castello.

Considerando a apresentação panorâmica da edição fac-similar e semidiplomática das cartas de GD, seguimos com a exposição da sua conservadora edição.

A edição das cartas pessoais de Gonzaga Duque: um exemplo

Para cada uma das cartas, a sua apresentação é previamente antecedida por um quadro-síntese, seguido do *fac-símile* da carta (Figura 10) que, por sua vez, está acompanhado (lado a lado) da sua transcrição (Quadro 1).

Quadro 1. síntese com informações básicas da carta 10 de GD.

Acervo	Fundação Casa de Rui Barbosa (RJ)
Ordenação do documento:	Carta 13
Tipologia textual:	Carta de amor
Local:	Porto Grande, Teresópolis, Rio de Janeiro (RJ).
Data:	05.02.1889
Autor:	LGDE
Local e data de nascimento do redator:	RJ, 21.06.1863
Idade do redator:	26 anos.
Nacionalidade e naturalidade do redator:	Brasileiro, RJ
Destinatário:	Julia
Relação social entre remetente e destinatário:	esposo - esposa
Natureza do testemunho:	Autógrafo
Registro:	Manuscrito
Suporte:	Papel
Cota:	GD cf 2
Número de fólios:	1 fólio
Edição:	José Ferreira Filho
Revisão:	Márcia Rumeu
Conteúdo: Gonzaga Duque escreve à sua esposa Julia (Julinha) sobre o envio de farinha de 1ª qualidade e sobre o seu devido armazenamento em latas para não a estragar.	

F. do Porto Grande, 5 de Fevereiro de 89.

Julinha,

Seu tataro abito, particularmente, como já lhe disse, está aqui gorando muito, e' o meu maior desejo.

Com data de 21 do mez passado escrevi-te uma ^{carta} para qual ainda não recebi resposta, mas conto que o correio de hoje traga-me noticias suas.

Envio-te n'esta data um sacco de farinha superior que Filio deu-me de presente. O sacco ali será entregue ali sexta-feira ou sabado, e espero que tratarás de por a farinha nos latas para não se estragar, pois, actualmente, a farinha d'aqui (que e' sempre foi vendida como farinha de Surubey de 1.^a qualidade) está carissima. Esta que hoje vai e' magnifica.

Conto estar na côrte ali enciados da proxima semana.

Lembranças a Judith, a tua mãe, a D. Mariçota. Beijos e abraços em meus filhos.

Um beijo do teu

Rumeu

GD ef 2

Figura 10. [fól. 1r]

[fól. 1r]

Fazenda do Porto Grande, 5 de Fevereiro de 89.

Julinha,

Que todos ahi e, particularmente, nossos filhinhos, estejam gosando saude, é o meu maior desejo.

5 Em data de 31 do mez passado escrevi-te uma <↑carta>, da qual ainda não recebi resposta, mas conto que o correio de hoje traga-me noticias tuas.

Envio-te n’esta data um sacco de

10 farinha superior que titia deu-me de presente. 6 sacos ahi será entregue até sexta feira ou sabbado, e espero que tratarás de por a farinha nas latas para não se estragar, pois, actualmente, a farinha d’aqui (que é e sempre
15 foi vendida como farinha de Suruhy de 1ª qualidade) está carissima. Esta que hoje vae é magnifica.

Conto estar na Côrte até iniciados da próxima semana.

20 Lembranças a Judith, a tua mãã, a Dona Maricota. Beijos e abraços em nossos filhos. Um beijo do teu

Luiz

<GD cf 2>

Considerações finais

Embasados na edição fac-similar e semidiplomática (Spina, 1977) das vinte e seis cartas pessoais de GD (Ferreira Filho, 2023), ilustramos, à luz de uma única carta, produzida no Brasil oitocentista (1887), o teor de intimidade das cartas de um redator brasileiro (carioca).

O fato de nos ter sido possível o levantamento da história de vida do redator permite-nos caracterizá-lo, a partir da análise dos seus perfis social e profissional, como um brasileiro (carioca) escolarizado. Apesar de não ter concluído o ensino superior, GD manteve-se em intenso contato com os modelos de língua escrita através das suas atividades profissionais de jornalista, crítico de artes plásticas, ficcionista, escritor, abolicionista, cf. Fonseca (2015, p. 34-46; p. 118).

No que se refere à *autenticidade* da amostra de cartas pessoais de GD, parece-nos saltar aos olhos, o PB escrito em sua expressão vernacular e variável consubstanciada,

por exemplo, nos seguintes traços linguísticos devidamente ilustrados: (a) o uso da ênclise em contexto de próclise licenciada pela norma-padrão; (b) a não concordância verbal; (c) a variação entre as formas pronominais de 2SG *tu* e *você* e (d) a alternância entre o futuro simples e o futuro perifrástico (ir + infinitivo).

Acreditamos, pois, que a metodologia alicerçada nos princípios teórico-metodológicos da sociolinguística histórica recrutada para a seleção, o levantamento, a organização e a edição de missivas históricas possa estimular distintas e versáteis análises linguísticas principalmente sobre fenômenos variáveis do PB escrito oitocentista e novecentista.

Referências

AGUILAR, Rafael Cano. Presencia de lo oral en lo escrito: la transcripción de las declaraciones en documentos indianos del siglo XVI. OESTERREICHER, W.; STOLL, E.; WESCH, A. (ed.) *Competencia escrita, tradiciones discursivas y variedades lingüísticas: aspectos del español europeo y americano en los siglos XVI y XVII*. Tübingen: Narr, 1998. p. 219-242.

AVELAR, Juanito Ornelas de. Sentenças possessivas e existenciais. In: CYRINO, Sônia.; TORRES MORAIS, Maria Aparecida (org.) *História do Português Brasileiro*. São Paulo, Contexto, 2018. v. 6. p. 72- 149.

BERGS, Alexander. *Social Network Analysis and Historical Sociolinguistics*. Berlin: Mouton de Gruyter. 2005.

BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. Unidades complexas do léxico. In: RIO-TORTO, Graça Maria; FIGUEIREDO, Olívia Maria; SILVA, Fátima. (org.). *Estudos em Homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela*. Porto, Portugal: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005. v. II, p. 747-757.

CARNEIRO, Zenaide; GALVES, Charlotte. Variação e Gramática: colocação de clíticos na história do português brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*, 18.1, p. 7-38, 2010.

CAVALCANTE, Sílvia. Mudança na posição do sujeito em cartas pessoais brasileiras: a ordem VS e o estatuto informacional do sujeito. *Diadorim*, 20, p. 101-121, 2018.

CYRINO, Sônia. Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary (org.) *Português brasileiro. Uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p. 163-184.

CONDE SILVESTRE, Juan Camilo. *Sociolinguística histórica*. Madrid: Gredos. 2007.

CUNHA, Celso. *Questão da Norma culta*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia; MOURÃO, Gabriela; SANTOS, Heitor. Os sujeitos de 3ª pessoa: revisitando Duarte 1993. In: DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (org.). *O sujeito em peças de teatro (1833-1992): estudos diacrônicos*. São Paulo: Parábola, 2012. p. 21-44.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. O sujeito nulo no português brasileiro. In: CYRINO, Sônia.; TORRES MORAIS, Maria Aparecida (org.) *História do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2018. v. 6. p. 26-71.

- ESPINDOLA, Alexandra Filomena. Memória e Documento: o diário de Gonzaga Duque. *Crítica Cultural (Critic)*, Palhoça, v. 7, n. 1, p. 83-95, 2012.
- FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. (org.) *Dicionário do Livro: da escrita ao livro eletrônico*. Coimbra: Almedina. 2008.
- FERREIRA FILHO, José. *Redescobrimo ‘Gonzaga Duque’ por meio de sua produção escrita: edição de cartas pessoais e descrição de traços paleográficos*. (Dissertação de Mestrado) - Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. 2023.
- FONSECA, Bruna de Oliveira. *Gonzaga Duque e Revoluções Brasileiras: um olhar para a História do Brasil*. (Dissertação de Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.
- GALVES, Charlotte. Mudança sintática no português brasileiro. *Cuadernos de la ALFAL*, v. 12, p. 17-43, 2020.
- GALVES, Charlotte; LOBO, Tania. Os clíticos pronominais. In: GALVES, Charlotte; LOBO, Tânia (org.) *O Português Escrito por Afro-Brasileiros no século 19. As atas da Sociedade Protetora dos Desvalidos*. Salvador: Edufba, 2019. p. 121-174.
- GRAVINA, Aline Peixoto. *A natureza do sujeito nulo na diacronia do PB: estudo de um corpus mineiro (1845-1950)*. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2008.
- HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan Manuel; SCHILLING, Natalie. The Application of the Quantitative Paradigm to Historical Sociolinguistics: Problems with the Generalizability Principle. In: HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan Manuel; CONDE-SILVESTRE, Juan Camilo. *The Handbook of Historical Sociolinguistics*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2012. p. 63-79.
- IANNONE, Carlos Alberto. A Vida de Gonzaga Duque. In: DUQUE, G. *Mocidade Morta*. São Paulo: Editora Três, 1973.
- LABOV, William. *Principles of Linguistic Change*. Oxford: Blackwell, 1994. v. I.
- LIMA, Alexandre Xavier; MARCOTULIO, Leonardo Lennertz; RUMEU, Márcia Cristina de Brito. Experiências metodológicas em constituição de *corpora*: pistas para um pesquisador iniciante. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de. (org.). *História do Português Brasileiro: corpus diacrônico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2019. v. 2. p. 68-91.
- LOPES, Célia Regina dos Santos; MACHADO, Ana Carolina Morito. Tradição e inovação: indícios do sincretismo entre a segunda e a terceira pessoas nas cartas dos avós. In.: LOPES, Célia Regina dos Santos (org.) *A Norma Brasileira em Construção. Fatos linguísticos em cartas pessoais do século 19*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ, FAPERJ, 2005. p. 45-66.
- MACEDO COSTA, Tatiane. *Um estudo diacrônico das variadas realizações do objeto direto anafórico na imprensa baiana dos séculos XIX e XX*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas.
- MARTINS, Marco Antonio. A sintaxe dos pronomes pessoais clíticos na história do português brasileiro. In: CYRINO, Sônia.; TORRES MORAIS, Maria Aparecida (org.) *História do Português Brasileiro – Vol 6. Mudança sintática do português brasileiro: perspectiva gerativista*. São Paulo: Contexto, 2018. p. 150-209.

OLIVEIRA, Josane Moreira de. *A expressão do futuro verbal em português: um caso de macro e de micro-variação*. *PhiN-Beiheft*, v. 28, p. 90-117, 2022.

OLIVEIRA, Josane Moreira de; OLINDA, Sílvia Rita Magalhães de. A trajetória do futuro perifrástico na Língua Portuguesa: séculos XVIII, XIX e XX. *Revista da ABRALIN*, v. 7, n. 2, 2017.

PAGOTTO, Emílio. *A posição dos clíticos em português: um estudo diacrônico*. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 1992.

PESSANHA, Elaine Durigam Ferreira. *Gonzaga Duque: um flâneur brasileiro*. (Dissertação de Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

ROCHA, Carlos Alberto de Macedo; ROCHA, Carlos Eduardo Penna M. *Dicionário de locuções e expressões em língua portuguesa*. Edição do Kindle. 2012.

ROMAINE, Suzanne. *Socio-historical linguistics: its status and methodology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010 [1982].

RUMEU, Márcia Cristina de Brito; SOUZA, Ana Luíza Póvoa. Um testemunho da produção escrita brasileira no século XIX (1858): a validade social e histórica das cartas familiares destinadas ao Barão de Cocais. *LaborHistórico*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 363-380, 2019.

RUMEU, Márcia Cristina de Brito; SOUZA, Ana Luíza Póvoa; SOUSA, Erenildo Queiroz; ALCANTARA, Igor dos Reis; MARTINS, Gabriela Villela Souza; DINIZ, Juliana Sander; SANTOS, Marcos Alexandre; SILVA, Natália Figueiredo; ALVES, Natália Gontijo; CARDOSO, Nayara Domingues; FIGUEIREDO, Raíssa. Amostras históricas do português escrito nos séculos XIX e XX: orientações metodológicas. *LaborHistórico*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 329-363, 2019.

SANTOS, Marcos Alexandre dos; RUMEU, Márcia Cristina de Brito. Traços paleográficos de receitas culinárias novecentistas: uma análise no âmbito da Crítica Textual. *Filologia e Linguística Portuguesa*. São Paulo, v. 21, n. 1, p. 81-97, 2019.

RUMEU, Márcia Cristina de Brito. *Língua e sociedade: a história do pronome ‘Você’ no português brasileiro*. Rio de Janeiro: Ítaca/FAPERJ, 2013.

SPINA, Segismundo. *Introdução à edótica: crítica textual*. 2.ed. São Paulo: Cultrix/Edusp. 1977.

VERMEERSCH, Paula Ferreira. *Notas de um estudo sobre A Arte Brasileira, de Gonzaga Duque*. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.